

1a. PARTE — ESTUDOS

CATULO CEARENSE : POETA E LETRISTA

Pedro Gomes de Matos

Entre fins do século passado e as duas primeiras décadas do atual não havia, no Brasil, quem não conhecesse Catulo da Paixão Cearense. Quem não cantasse as suas modinhas, quem não soubesse de cor os seus versos, impregnados de lirismo, plenos do mais sentido nacionalismo.

Era a sua poesia a alma e o coração de um povo. Não a do povo do litoral, mas a do que, personificada no caboclo, existiu, no sertão, em princípios do século XIX.

Ao produzir **Meu Sertão**, **Sertão em Flor**, **Poemas Bravios** e **Mata Iluminada**, afirmava-se Catulo um grande poeta, poeta original e único.

No sentimento de nacionalismo iguala-se a Gonçalves Dias. Aliás, ambos nasceram no Maranhão. Um na cidade de São Luís (Catulo) o outro nos arredores de Caxias no sombrio da mata virgem frente a uma natureza onde as palmeiras e os nativos babaçus dominam por inteiro a paisagem.

Como trovador, e em popularidade, foi Catulo da Paixão Cearense o Roberto Carlos de nossos dias. Cantou para o povo, e para os maiores espíritos do tempo.

Nenhum escritor, nenhum crítico, nenhum intelectual em evidência, deixou de manifestar aplausos a Catulo da Paixão Cearense. Foram eles: Pedro Lessa e Pontes de Miranda; Guilherme de Almeida e Antônio Torres; Mário de Alencar e Humberto de Campos; Alberto de Oliveira e Coeího Neto; Roquete Pinto e Afrânio Peixoto; Câmara Cascudo, Fernando Nery e Assis Cintra, dentre outros.

Rui disse concordar com Júlio Dantas em que os “versos de Catulo possuem um encanto irresistível”.

Veza por outra, visitava-o Agripino Grieco, crítico dos mais agudos das letras brasileiras. A ele Catulo dedicou o seu livro “Poemas Escolhidos”. Essa obra alcançou 50 edições.

Ainda agora, modernistas do porte de Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda mostram-se sensíveis à poesia “bárbara e bela” de Catulo da Paixão Cearense.

Mário de Andrade afirma, categórico: “Catulo é o maior criador de imagens da poesia brasileira”.

E Sérgio Buarque de Holanda diz da “surpresa, do encantamento, da comoção”, que provocam suas estrofes (Fernando Góes).

Era Catulo pouco mais do que um menino quando compôs a primeira modinha **Ao Luar**, que começa assim: “Vê que amenidade, que serenidade/ tem a noite, em meio/ quando, em branco enleio/ vem lenir o seio de algum trovador”.

No dizer de Saul de Navarro, foi Catulo o “rapsodo da nossa musa anônima, a viola que tange o coração da raça, o lábio que balbucia o idioma que vai plasmar os anseios e a sensualidade, a imaginação e a volúpia da nossa **gens**...”

Talvez com o seu desaparecimento tenha tombado “o último ipê dourado, a resistir, impávido, aos lenhadores do país antigo e tradicional.”

Pena não tenha tido Catulo (quanto ao léxico por ele atribuído ao homem do interior) a fidedignidade, a autenticidade de Mistral, “que fez obra de arte com os elementos fornecidos pelo povo”.

Se assim, a sua obra teria o sentido socio'ológico, e histórico. da de José Lins do Rego, da de Euclides, da de José Américo de Almeida, da de Raquel de Queiroz.

Como quer que seja — a afirmativa é de Humberto de Campos — recusar a Catulo da Paixão Cearense um alto engenho poético seria contestar, na claridade do dia, a existência do sol. Poucos espíritos, entre nós, foram dotados de imaginação tão vigorosa, e nenhum até hoje, de imaginação tão ingênua. tão fresca, tão natural. As suas imagens no **Meu Sertão**,

no **Sertão em Flor**, nos **Poemas Bravios**, em **Mata Iluminada**, têm a suavidade, a graça, a singeleza feliz das manhãs de inverno nas altas serranias do nordeste. Sente-se ao ler os seus grandes poemas daquela fase, o gosto das frutas, o cheiro das flores silvestres, e um barulho d'água virgem, tombando nas encostas da serra. Surpreendido nas origens, o regato de sua poesia é o mais delicioso que o Brasil tem visto manar no sistema potamográfico da sua literatura. Dá ele idéia, aí, dos tempos inocentes da humanidade, da quase alvorada do mundo, da hora radiosa em que o homem acordava com a saúde do corpo e a alegria na alma para o dia da civilização. Poucos povos modernos possuirão um exemplo tão precioso de inspiração nativa e pura. (in **Crítica**, 1ª Série).

Autodidata, Catulo da Paixão Cearense chegou a fazer traduções de poetas famosos (Lamartine, por exemplo).

Freqüentou o parnasianismo, o condoreirismo e um dos gêneros mais difíceis da arte poética — a trova — pelo rigor da síntese na manifestação do sentimento.

Veja-se, a propósito, essa estrofe de sua lavra:

“Qual seria o anel do poeta
Se o poeta fosse doutor?
— Uma saudade brilhando
Na cravação de uma dor”.

Através de histórias, e de uma série de adjetivos, muitos foram os que procuraram desmerecê-lo.

Em toda a sua obra, o Ceará é uma constante.

Em **Terra Caída** o menestrel recorda:

“Faz hoje sete janeiro
Que eu dêxei o Ciará...”

E diz, não sem um quê de vaidade e orgulho, em **O Poeta do Sertão**

“Não há, poeta, não há
Cumos fio do Ciará”.

Falava nele a voz do sangue. E desta terra, isto é, de Maranguape, onde afinal vem Catulo, no bronze, contemplar os seus anfiteatros de granito, guardou ele, adolescente, imagens que jamais, pelo tempo em fora, se apagaram de suas retinas e serviriam, como serviram, de inspiração à sua poesia.

Ele conquistou um lugar de honra em nossa música popular. E embora fosse, no fundo, um homem simples, cultivava a vaidade, talvez por conhecer sobejamente seu próprio valor. (Ary Vasconcelos).

Um dos seus maiores triunfos foi ter convencido Alberto Nepomuceno, em 1908, então diretor do Instituto Nacional de Música, a realizar no salão de concertos do Instituto um recital de violão então considerado um instrumento bastardo ou “uma espécie de arma proibida”, na expressão de Humberto de Campos.

Catulo viveu numa época em que os poetas, tais como Alberto Guimarães, Olavo Bilac, Emílio de Meneses (e ele próprio) gozaram de imenso prestígio. Davam recitais e, na rua, eram reconhecidos por todos.

As poesias que o povo admirava nele eram justamente aquelas com cheiro de terra, que falavam de amores e infortúnios da nossa cabocla, que reproduziam a nossa linguagem com os seus defeitos, que viam o mundo e as coisas com uma sensibilidade nossa. Por isso o povo deu-lhe um busto em vida, reunindo tostão por tostão, para perpetuar a admiração por seu poeta. Memorável campanha do jornal **A Noite**.

Do que foi a audição por ele levada a efeito no Palácio do Catete, a convite do Marechal Hermes, dá-nos testemunho Dona Nair de Teffé Hermes da Fonseca:

“Essa audição de Catulo no Palácio do Catete, constitui o maior sucesso a que um verdadeiro artista poderia aspirar em toda a sua vida. Catulo, ao término de cada canção que interpretava, recebia da culta assistência uma ovação delirante. Todos o aplaudiam de pé. E ele bem o merecia pelo seu gênio e seu irresistível poder de transmissão de sentimento”.

A audição valeu-lhe mais que aplausos: Catulo saiu de lá praticamente nomeado para um cargo na Imprensa Nacional.

Depois que assumiu, seus inimigos fizeram chegar aos ouvidos do presidente que Catulo só comparecia à repartição uma vez por mês, para receber os vencimentos. O Presidente desfazia a intriga, desarmando seus autores.

— Catulo é mesmo um maluco. Quem mandou ele ir tanto ao serviço?

As histórias dos empregos de Catulo formam um verdadeiro anedotário. Conta Bastos Tigre que certa vez o poeta foi surpreendido por um telegrama que exigia sua presença no Ministério da Viação, para o qual fora nomeado pelo Ministro Pires do Rio. O movimento de 1930 tinha vencido, cuidava de moralizar o serviço público, plataforma de toda revolução que se preza. O chefe de gabinete do Ministro José Américo quis saber tudo o que ele fazia (ou não fazia) na repartição.

— Qual o seu cargo aqui?

— Datilógrafo.

— E se fosse preciso realizarmos um teste de datilografia, que máquina o senhor escolheria?

Catulo ficou embatucado. O chefe de gabinete insistiu: cada datilógrafo se habitua a um tipo de máquina. Sem saída, o poeta encontrou esta:

— Bem, nesse caso, prefiro uma Singer.

Filho de Amâncio José da Paixão Cearense, ourives e relojoeiro, natural do Ceará, e D. Maria Celestina Braga da Paixão, natural de São Luís do Maranhão. Catulo nasceu em São Luís do Maranhão a 08 de outubro de 1863 e faleceu no Rio de Janeiro (GB), onde sempre viveu, a 10 de maio de 1946. Contava 83 anos de idade. Perdulário, morreu pobre. Deixou magnífica bagagem de letras das quais algumas com músicas de famosos cultores da música popular brasileira: Anacleto de Medeiros, Ernesto Nazaré e Irineu de Almeida, que, por sua vez, tiveram em poemas seus, excelentes músicas colocadas por Catulo.

Serviu como contínuo do Cais do Porto e depois como estivador. Dessa dura situação retirou-o a esposa do parlamentar Silveira Martins, convidando-o para lecionar a seus filhos.

Com o lançamento de **Meu Sertão**, em 1918, iniciou-se a glorificação literária de Catulo. Das suas criações, as mais

populares foram: **Luar do Sertão**, **Ontem, ao Luar**, **Cabôca di Caxangá** e **Flor Amorosa**, que, por sina!, reproduz um dos momentos do filme da Atlântida **Esse Milhão é Meu**.

O sepultamento de Catulo (o corpo foi levado em cortejo a pé para o cemitério de São Francisco de Paula, em Catumbi) — conta seu amigo Carlos Maul — não foi um fato comum na vida da cidade. A Banda do Corpo de Bombeiros ia tocando a **Marcha Fúnebre**; atrás da carreta com o corpo ia grande massa popular. À passagem do féretro, as casas comerciais cerravam as portas; as bandeiras estavam em funeral. Quando o corpo chegou ao cemitério, havia milhares de pessoas à espera.

Os discursos de personalidades fizeram a cerimônia entrar pela noite. Uma lua imensa começou a luzir no céu, e espontaneamente o mexicano Alfonso Ortiz Tirado, tenor e médico, começou a cantar baixinho **Luar do Sertão**. Em pouco o rumor de milhares de vozes a acompanhá-lo dominou a noite: “Não há, ó gente/ oh, não,/ luar como este/ do sertão...”

Toda a fortuna de Catulo era isto: a adoração popular.

E para que mais se possuía ele, a maior, a mais augusta das realezas, que é a realeza do gênio, na conceituação de Ramalho Ortigão.

Nos últimos anos de vida, Catulo morou num barracão de madeira na antiga Rua Francisca Méier, 21, hoje Rua Catulo da Paixão Cearense, no Engenho de Dentro, subúrbio carioca. Ao barracão ele deu o nome de “Palácio Choupanal”. Ali recebia velhos amigos, antigos companheiros da estiva e visitantes ilustres. Entre eles, Júlio Dantas e Monteiro Lobato.

Obscuro cultor das letras, e penitente de quantos a si mesmos pelo esforço e os méritos se estatua, associe-me, como-vido, a homenagem que, com a inauguração desta herma, ora se presta a Catulo da Paixão Cearense.

E valho-me do ensejo para redizer, como o fez Machado de Assis ao pé da estátua de José de Alencar, corrigindo o desalento do autor de **O Guarani**: “nem tudo passa sobre a terra”.

(Palavras proferidas em 31.01.74 por ocasião da inauguração da herma de Catulo da Paixão Cearense na Praça Desembargador Pontes Vieira, em Maranguape).

FONTES:

1. Ary Vasconcelos — **Panorama da Música Popular Brasileira**, 1.º volume. Martins.
2. Raimundo de Menezes — **Dicionário Literário Brasileiro**, 2.º volume. Saraiva.
3. Abril Cultural — Contracapa do **long-playing** — **Catulo da Paixão** — **Cândido das Neves** (índio).
4. Humberto de Campos. **Crítica**, 1ª Série.